

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
(PUC-SP)

Pantaneais Matogrossenses (Devassamento e Ocupação) (1946):
Território, Identidade e modernidade à cuiabana.

LUCAS QUEIROZ ROZENDO
Orientador: PROF. DR. ALBERTO LUIZ SCHNEIDER

São Paulo
2023

Lucas Queiroz Rozendo

Pantanaís Matogrossenses (Devassamento e Ocupação) (1946):

Território, Identidade e modernidade à cuiabana.

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como parte das exigências para a obtenção do título de licenciado do Departamento de História, sob orientação do Prof. Dr. Alberto Luiz Schneider.

São Paulo

2023

LUCAS QUEIROZ ROZENDO

Trabalho de Conclusão do Curso:

Pantanaís Matogrossenses (Devassamento e Ocupação) (1946):

Território, Identidade e modernidade à cuiabana.

Banca Examinadora

RESUMO

O artigo examina o pensamento ambiental do renomado historiador cuiabano Virgílio Corrêa Filho (1887-1973). Corrêa Filho defendeu a ideia de ocupação e exploração dos territórios dos atuais estados do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul, com o objetivo de integrar a região no contexto moderno do estado nacional brasileiro. O artigo propõe uma análise crítica do discurso modernizador de Corrêa Filho, que moldou a representação histórica da ocupação e exploração do ambiente regional. Seu trabalho contribuiu para a construção de uma identidade regional centrada na elite cuiabana, frequentemente negligenciando as contribuições das populações negras e indígenas. Nesse contexto, o estudo aborda os conceitos interligados de identidade, território e modernização como os pilares centrais da análise crítica.

Palavras-chave: Virgílio Corrêa Filho, território, identidade regional e modernidade.

Lembro de um velho índio contando histórias
De glórias e tragédias que não vivi
Quando das estrelas vieram deuses
E seus sinais estão por aí
Depois de um certo tempo eles foram embora
Deixando para trás um povo feliz
Mas os portugueses e os espanhóis
Invadiram a terra dos Guaranis
Então vieram os bandeirantes
E os retirantes lá das Gerais
Por muito tempo não houve paz
Sofreu demais quem te ama
Bela Serra de Maracajú

Almir Sater e Paulo Simões.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. “PANTANAIS”: CONFLITOS E PARADIGMAS.....	14
3. DEVASSAMENTO E OCUPAÇÃO.....	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

O artigo que se inicia, tem como propósito o estudo do pensamento intelectual sobre o meio ambiente de um dos mais citados e proeminentes historiadores Mato Grossenses do século XX: Virgílio Corrêa Filho (1887-1973), um engenheiro de formação que escreveu uma típica historiografia de ofício¹ para o território atualmente ocupado pelos Estados do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul².

Com o objetivo de entrar na reflexão sobre o pensamento ambiental do escritor, vamos partir de uma breve reconstituição de sua trajetória de vida profissional e pessoal. Virgílio Corrêa Filho nasceu em 1887 em Cuiabá, em uma família que fazia parte da tradicional elite cuiabana, lugar social³ que possibilitou a ele, uma formação intelectual no Liceu Cuiabano e no Ateneu Cuiabano até o ano de 1902, quando terminou os estudos permitidos pelo cenário de formação de sua cidade natal. Depois disso, Corrêa Filho foi morar no Rio de Janeiro, onde os filhos da elite regional mandavam os seus, para continuarem sua formação intelectual. O jovem estudou engenharia na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, concluindo sua formação em 1908. A graduação em engenharia civil possibilitou seu primeiro emprego, ainda quando estava cursando, como auxiliar técnico da Inspetoria de Obras Públicas na cidade do Rio de Janeiro em 1907.⁴

Corrêa Filho, ao longo de sua vida, desempenhou um papel de destaque em inúmeros eventos públicos e oficiais como representante do Mato Grosso, destacando-se, por exemplo, sua presença no Centenário da Abertura dos Portos, que ocorreu no Rio de Janeiro em 1908. Nos quatro anos seguintes, o recém formado

¹ Isto significa que Corrêa Filho produziu textos fundadores de uma identidade Mato Grossense apoiada em seu pertencimento à elite cuiabana e vinculando sua obra em instituições oficiais nacionais e regionais ligadas ao estado brasileiro. As obras de (TRINDADE, 2001) e (FRANCO, 2009) são indispensáveis para a compreensão desta reflexão sobre o intelectual cuiabano.

² Os estados do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul dividiram-se no dia 11 de outubro de 1977, segundo decreto do quarto presidente da ditadura militar brasileira: Ernesto Geisel (1907-1996). Uma decisão que partiu “efetivamente do governo central”. Apesar de não descartar a “ação dos líderes sulistas” na sua efetivação, compreende-se que a divisão ocorreu “à revelia da população tanto do Sul quanto do Norte” (QUEIROZ, 2006, p. 178).

³ Sobre a expressão ver: CERTEAU, Michel de. "A Operação Histórica". In: LE GOFF, Jacques. **História: Novos Problemas**. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 18.

⁴ Sobre as informações profissionais de Corrêa Filho ver cronologia em: TRINDADE, Vilma Eliza. Virgílio Corrêa Filho: Um Entusiasta do 'Brasileirismo Sadio'. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**, n. 79, Cuiabá, 2017.

engenheiro, trabalhou na Construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em Três Lagoas, na Estrada de Ferro de Maricá e na Estrada de Ferro Central do Brasil. No ano de 1914, o engenheiro Corrêa Filho, ainda dirigiu a construção da ponte sobre o Rio Grande, pela companhia Mogiana na cidade de Igarapava, em São Paulo.

Em 1915, sua trajetória profissional já anunciava um ofício em que o engenheiro acostumou-se a exercer — atuar ligado ao poder do governo do Mato Grosso — a convite do Gal. Caetano de Albuquerque iria exercer a função de Diretor da Repartição de Terras em Cuiabá, entretanto, ao fim Corrêa Filho desistiu, por conta da forte oposição entre os partidários de Caetano ao seu nome, visto que o engenheiro era casado com a filha de Pedro Celestino, chefe da oposição⁵. No entanto, a viagem para Cuiabá promoveu a apresentação de suas duas primeiras filhas, Elza Maria e Ignez Constança aos avós. Estas fruto de sua união com Edith no ano de 1912. O casamento entre Virgílio e Edith, em seu início, passou por uma constante mudança de endereços, por conta da atuação do engenheiro nas obras já citadas. No ano de 1918, Corrêa Filho estabeleceu-se em Cuiabá, onde empreendeu na Sociedade Pastoril com o seu pai, Coronel Virgílio Alves Corrêa, na fazenda Baía das Pombas.

Lá moramos à beira do rio Tarigara, que nos separava da aldeia dos índios bororos, que frequentavam o nosso rancho e mostravam-se nossos amigos (CORRÊA, 1987).

No ano seguinte foi nomeado professor no Liceu Cuiabano e da Escola Normal, de que recebia em conjunto, 460\$000, segundo o livro de recordações lançado em seu centenário, “manifestamente escasso para minha manutenção”.⁶ No dia 8 de abril de 1919, o engenheiro Virgílio Corrêa Filho participou como membro fundador do Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso, instituição que o intelectual devotou-se durante a maior parte sua trajetória, no projeto de “construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos, buscando homogeneidades em personagens e eventos tão dispersos” (SCHWARCZ, 1995, p. 99).

⁵ CORRÊA, Samuel Alves de Almeida (Org.). **Recordações Inéditas de Virgílio Corrêa Filho em seu centenário**. Rio de Janeiro: [s. ed.], 1987, p.72.

⁶ *Idem*. p. 78.

Em 1921, Virgílio foi membro fundador da Academia Mato-grossense de Letras, também assumiu o posto que antes não tinha alcançado, como Diretor da Repartição de Terras em Cuiabá, nomeado por D. Aquino, Presidente do Estado. O contexto do governo deste, é de extrema importância para compreender a transfiguração do engenheiro Virgílio Corrêa Filho em historiador atuante no cenário intelectual regional e nacional, pela produção de sua primeira obra, que protagonizou o início da escrita do que aqui vamos chamar de historiografia *virgiliana*. O bispo D. Aquino assumiu a presidência do Estado em 1918, com o objetivo de conciliar e apaziguar as disputas pelo controle do poder regional, que vinham desde o estabelecimento da República sendo resolvidos nas “armas”.⁷ A historiadora Gilmara Franco⁸, que estuda a construção da identidade mato-grossense pela ótica de Virgílio Corrêa Filho, expõe o quadro de conflitos intra oligárquicos vividos a partir da proclamação da República, que terá na figura clerical de D. Aquino o apaziguamento e o início de um esforço nas “letras” para a construção de uma identidade Mato-Grossense a partir de Cuiabá.

Para as elites no norte [...] as duas primeiras décadas do século XX configuram-se como um momento de incertezas, angústias e medos em relação ao futuro do estado e no qual se tornaram mais evidentes. Mas foi também por isso mesmo, um momento em que as energias intelectuais e afetivas destes setores foram mobilizadas no sentido da redefinição de sua identidade coletiva. (GALETTI, 2000, p. 273 In: FRANCO, 2009)

Em 1922, no ano do centenário da Independência, Corrêa Filho desempenhava suas funções na Repartição de terras de Cuiabá, quando lhe foi confiada a tarefa de redigir uma memória sobre Mato Grosso, destinada a integrar as comemorações da independência⁹. Foi assim que emergiu a primeira obra intelectual do engenheiro-historiador: *Mato Grosso* (1922). No mesmo ano, o intelectual cuiabano assumiu o cargo de Secretário de Finanças e, posteriormente, tornou-se Secretário Geral do Estado durante o governo do seu sogro e biografado, Pedro Celestino¹⁰. Nesse

⁷ FRANCO, Gilmara Yoshihara. **O Binóculo e a Pena: A Construção da Identidade Matogrossense sob a Ótica Virgiliana: 1920-1940**. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009.

⁸ A Gilmara Franco utiliza-se como referência para o estudo desse primeiro cenário republicano no Mato Grosso, da obra da Lylia Galetti: GALETTI, Lylia da Silva Guedes. **Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso**. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Acesso em: 10 out. 2023.

⁹ *Idem*. p. 49.

¹⁰ CORRÊA FILHO, Virgílio. **Pedro Celestino**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Zélio Valverde, 1945. (Coleção Galeria Mato-grossense).

período, ele também se destacou como colaborador do *Jornal do Comércio* (1927-1958), uma atividade que impulsionou sua carreira no Rio de Janeiro. Isso lhe permitiu produzir uma ampla gama de textos abordando diversos temas, consolidando sua posição como um influenciador constante do pensamento conservador brasileiro.¹¹

Uma forma de ingresso no mercado intelectual, uma profissionalização que expandia contatos, sendo em alguns casos, um passaporte para mundos políticos e sociais maiores. No caso daqueles que vinham ao Rio de Janeiro, trabalhar em um jornal era praticamente vital: uma espécie de bilhete de entrada no espetáculo do qual se esperava participar (...). O jornal é um 'emprego' e uma tribuna; o local do início da carreira e também um palco de consagração e de veiculação sistemática da produção intelectual, nela incluída a produção historiográfica. (GOMES, 1996, p.45-46)

Toda essa projeção contribuiu para que o escritor se tornasse um sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1931. Segundo Trindade¹², a rigorosa seleção dos participantes nessa tradicional instituição, revela os profundos "laços diretos de mecenato com o poder político central"¹³ que Corrêa Filho possuía.

Com tais questões em vista, o presente artigo tem como objetivo o estudo crítico da formação do discurso modernizador, que por meio da representação historiográfica de Virgílio Corrêa Filho (1887-1973), deu sentido à ocupação e devassamento do meio ambiente regional.

Virgílio Corrêa Filho participou, por meio dos ambientes intelectuais em que integrou, da produção de um discurso histórico que abriu o território da região em função do progresso positivista¹⁴. O historiador cuiabano colaborou com a sua produção historiográfica ao estabelecimento de uma identidade protagonizada pela elite cuiabana, que tinha sua presença na região atrelada ao passado bandeirante: "primitivo embrião, constituído pela bandeira de Pascoal Moreira Cabral"¹⁵.

¹¹ Sobre a ideologia conservadora do *Jornal do Comércio*: Alzira Alves de Abreu incluiu o *Jornal*, entre os mais vinculados ao passado e à tradição, embora reservasse espaço para temas da atualidade política. Ela afirmou: "Este sempre manteve uma orientação conservadora..." Veja em: ABREU, Alzira Alves de (org.). **A Imprensa em Transição: O Jornalismo Brasileiro dos Anos 50**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 32-39.

¹² TRINDADE, Vilma Eliza. Virgílio Corrêa Filho: Um Entusiasta do 'Brasileirismo Sadio'. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**, n. 79, Cuiabá, 2017.

¹³ Gomes, A de C. **História e Historiadores. A política Cultural do Estado Novo**. *op. cit.*, p.52.

¹⁴ A historiadora Vilma Eliza Trindade aponta que em consulta às memórias do escritor constatou que desde estudante de Engenharia, Corrêa Filho se dedicava a leitura de Auguste Comte, o filósofo francês que formulou a doutrina do positivismo (TRINDADE, 2017, p. 38).

¹⁵ CORRÊA FILHO, Virgílio. **Mato Grosso**. Rio de Janeiro: Co-editora Brasília, 1922, p. VI.

Provocando, assim, no imaginário e identidade regionais, um processo de omissão e ocultamento das contribuições das populações negras e indígenas na sua representação hegemônica. Desta forma, compreendo que o intelectual cuiabano contribuiu com a sua produção histórica e geográfica no sentido que a colonização empregava ao território. Segundo Caio Prado Jr, este sentido atribuído às terras brasileiras desde a colonização, encarregava o país à produção agropecuária em latifúndios para exportação.

Todo povo tem na sua evolução, vista à distância, um certo "sentido". Este se percebe não nos pormenores de sua história, mas no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais que a constituem num largo período de tempo. (PRADO JR.,1942)

O estudo do pensamento ambiental de Virgílio Corrêa Filho tem como objetivo analisar suas obras no contexto da representação ambiental dos estados do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul. A fonte principal utilizada para essa análise é *Pantanaís Matogrossenses (Devassamento e Ocupação)* (1946), enquanto as demais obras, como *Mato Grosso* (1922), *Fazendas de Gado no Pantanal Mato-Grossense* (1955), *Comentário na Revista Brasileira de Geografia sobre a publicação de Nelson Werneck Sodré: Oeste* (1943), *Questão de Terras* (1923) e *Ervais do Brasil e Ervateiros* (1957), fazem parte da produção historiográfica do intelectual sobre a questão ambiental, enriquecendo o contexto de análise.

Estas obras foram trabalhadas com o propósito de compreender o pensamento ambiental do intelectual cuiabano em relação a região e a sua abordagem sobre questões como o desenvolvimento e o progresso mato-grossense, a ocupação do território, a conservação e o uso dos recursos naturais. Considero que, nestas produções, Virgílio Corrêa Filho expôs o potencial que deveria ser explorado no território dos atuais estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Ao abordar questões ambientais com base nas obras de Corrêa Filho, não se trata apenas de transportar questões da agenda política contemporânea para o contexto histórico que ele representa. O objetivo é, por meio das fontes históricas presentes na historiografia de Corrêa Filho, explorar o pensamento sobre a natureza que os intelectuais da primeira metade do século XX concebiam. O trabalho do historiador envolve o manejo do tempo, implicando projeções da pesquisa feitas no presente para compreender a representação do passado tal como se encontra na

historiografia de Corrêa Filho. Segundo artigo de José Augusto Pádua “As bases teóricas da história ambiental” que contribui para o debate teórico-metodológico deste artigo, ele afirma:¹⁶

Alguns historiadores foram capazes de produzir, ao longo do século XX, mesmo no Brasil, análises que incorporaram os fatores biofísicos no coração da análise histórica e que hoje estão sendo recuperadas na genealogia da história ambiental. (PÁDUA, 2010, p.92)

Portanto, os pressupostos teóricos da história ambiental¹⁷ permitem analisar a relação estabelecida pela representação histórica de Virgílio Corrêa Filho entre natureza e humanidade. Reconhecendo a ampla gama de significados que a palavra "natureza" já teve ao longo da história da humanidade, compreendo que o estudo do meio ambiente retrata uma percepção da própria identidade do ser humano que habitava (populações indígenas) e o que passou a habitar o território do estado. Essa perspectiva de "humanidade pretensamente moderna"¹⁸, opôs o meio ambiente e sua conservação, ao pleno desenvolvimento e utilização de suas potencialidades para o crescimento da economia regional e nacional. Ao longo de sua carreira, Virgílio Corrêa Filho atuou como porta-voz das potencialidades do estado, registrando uma historiografia voltada para a formação das fronteiras e a primazia cuiabana no estado.

A pecuária teve princípio no distrito de Cuiabá onde o primeiro Capitão General de Mato Grosso D. Antonio Rolim de Moura testemunhou que sobejava para o consumo a criação bovina. (carta de 5 de julho de 1761). [...] Daí se espalhou pelos pantanais, alcançou a região de Miranda, antes da entrada dos mineiros em Paranaíba. As fazendas em terras banhadas pelo Araguaia e seus afluentes são de época ulterior (CORRÊA, 1943, p. 101).

¹⁶ O crescente interesse do orientador deste trabalho pela reflexão dos intelectuais sobre ecologia e natureza gerou o seguinte artigo, que serviu como base inspiradora para o desenvolvimento desta pesquisa histórica: SCHNEIDER, Alberto Luiz. Das árvores do Recife (1924) às matas do Nordeste (1937): ecologia, trópico e região na obra de Gilberto Freyre. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 80, p. 431-455, setembro-dezembro 2023.

¹⁷ Considero, os estudos de José Augusto Pádua produções importantes como metodologia de estudo da história ambiental. Ver: PÁDUA, José Augusto. As Bases Teóricas da História Ambiental. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10468>. Acesso em: 15 maio 2023.

¹⁸ Esta pesquisa contou com a contribuição do seguinte artigo que estuda a invenção da modernidade no estado do Mato Grosso: LEOTTI, Odemar. Bicentenário de Cuiabá: Rememoração e Invenção do Passado. O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Virgílio Corrêa Filho: A Invenção da Modernidade em Mato Grosso e Sua Inserção no Projeto de Reconstrução da Nação e da Nacionalidade – 1919 a 1969. **Patrimônio e memória**, v. 7, n. 1, p. 78-100, jun. 2011. ISSN 1808-1967.

Em vista disso, este artigo busca evidenciar a operação histórica que se hegemonizou e contribuiu para a conformação conservadora dos estados do Mato Grosso¹⁹ e do Mato Grosso do Sul²⁰, em uma economia estruturada na ocupação do território por grandes latifúndios de produção agrícola de exportação²¹, pois é crucial o estudo das tendências políticas que se articulam economicamente e estão sistematizadas em uma identidade histórica construída nos ambientes intelectuais históricos e geográficos do séc. XX. Acrescento que o artigo almeja o resgate da historiografia que deu sentido a uma identidade centrada no fazer agrícola, com o apoio teórico metodológico em história intelectual. Que segundo, Roger Chartier, tem por “principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1988 p.16-17).

Introduzido o assunto, vamos a análise crítica das produções historiográficas do intelectual cuiabano, que representaram o espaço regional em um projeto econômico de utilização do ambiente para a economia agropastoril.

¹⁹ No estado do Mato Grosso 65,08% dos eleitores do Estado depositaram seu voto, no segundo turno, na candidatura do ex-presidente Jair Bolsonaro e 34,97% votaram na candidatura do Presidente eleito Lula. Dados retirados do infográfico divulgado pelo Jornal O Globo (O GLOBO, 2023).

²⁰ No Estado do Mato Grosso do Sul, durante o segundo turno, 59,49% dos eleitores votaram no presidente Bolsonaro do PL (Partido Liberal) e 40,51% votaram no atual presidente Lula do PT (Partido dos Trabalhadores). Dados retirados do infográfico divulgado pelo Jornal O Globo (O GLOBO, 2023).

²¹ De modo aparente, é possível atrelar a vitória do “bolsonarismo” nestes estados, derrotado nas últimas eleições, com a pujante força do agronegócio nesses territórios. Uma estimativa do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), indica que no ano de 2022, o Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) de Mato Grosso foi de R\$ 224,81 bilhões, sendo o estado líder no ranking de maior contribuição para a agropecuária, posto assumido já no ano de 2018. Estadão. **O Agronegócio de Mato Grosso é destaque nacional. Summit Agro**, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://summitagro.estadao.com.br/comercio-exterior/agronegocio-de-mato-grosso-e-destaque-nacional/>. Acesso em: 02 jun. 2023.

Já o estado do Mato Grosso do Sul destaca-se também como o terceiro maior produtor de carne bovina e o quinto maior exportador de carne de boi, como também o terceiro maior produtor de milho e o segundo maior exportador do agronegócio brasileiro, segundo dados divulgados pela FAMASUL (Federação de Agricultura e Pecuária Mato Grosso do Sul) Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Projeção do VBP da agropecuária de Mato Grosso do Sul em 2022 passa dos R\$ 69 bilhões. CNABrasil, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://cnabrasil.org.br/noticias/projecao-do-vbp-da-agropecuaria-de-mato-grosso-do-sul-em-2022-passa-dos-r-69-bilhoes>. Acesso em: 02 jun. 2023

Portanto, é possível atrelar o predomínio da Economia Agrícola de exportação e latifúndio, ao posicionamento político predominante de ambos os Estados nas eleições de 2022.

2. “PANTANAIS”: CONFLITOS E PARADIGMAS.

O livro intitulado “Pantanais Matogrossenses (Devassamento e Ocupação)” de autoria do intelectual em questão, foi publicado no ano de 1946, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pelo Conselho Nacional de Geografia (CNG), no Rio de Janeiro, com intuito de compor a Biblioteca Geográfica Brasileira instituída por uma resolução de 1941, com o objetivo de oferecer aos estudiosos da terra, uma coleção de obras consagradas a ciência geográfica brasileira.²²

O livro é prefaciado por Heitor Bracet, que na época ocupava a presidência do IBGE, e também possui apresentação do Secretário Geral do CNG, o que demonstra a notoriedade de Corrêa Filho como intelectual respeitado em serviço dos órgãos oficiais de produção de conhecimento geográfico e histórico nacional.

Importante refletir, em que medida o livro possui uma correlação com o pensamento corrente sobre o território que era cultivado nestes órgãos de produção de saber, e em que medida, o livro possui uma “autoralidade” de Corrêa Filho, em expressar uma reflexão distinta e peculiar sobre o bioma pantaneiro. Convém pensar que nem um nem outro, mas todo ser influenciado, também escolhe até que ponto segue as proposições que o atingem, pois, o polo ativo está no “influenciado”, já que é ele quem define as condições de uso do “influenciador”. Nesse aspecto, as contribuições da chamada Escola de Cambridge, em particular Quentin Skinner²³ e Jonh Pocock²⁴ são importantes (SCHNEIDER, 2019, p.15-16).

A participação de Corrêa Filho no Conselho Nacional de Geografia já foi devidamente desvelada e estudada pela historiadora Vilma Eliza Trindade, em sua obra “Política, História e Memória em Mato Grosso: Virgílio Corrêa Filho (1887-1973)”, publicada em 2001 pela Editora da UFMS. Por meio do Capítulo “O CNG: Território e História” deste estudo, evidencia-se primeiramente a forte projeção que Corrêa Filho possuía, em relação ao governo central de Getúlio Vargas, personagem “cultuado”

²² CORRÊA FILHO, Virgílio. **Pantanais Mato-Grossenses (Devassamento e Ocupação)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Geográfica Brasileira, 1946.

²³ SKINNER, Quentin. **Meaning and Understanding in the History of Ideas**. History and Theory, v. 8, 1969.

²⁴ POCOCK, John G. A. **Linguagens do Ideário político**. São Paulo: Edusp, 2003, p.45.

nos escritos do intelectual cuiabano no *Jornal do Comércio*²⁵. Também, é possível notar a constante colaboração do intelectual cuiabano aos interventores de Mato Grosso, naturalmente homens de confiança do presidente.²⁶ Essas articulações credenciaram a Corrêa Filho o pertencimento a alta burocracia do Conselho Nacional de Geografia, e por meio desta instituição a portabilidade de sua carreira para espaços internacionais de correspondência intelectual.²⁷ O Conselho Nacional de Geografia teria como meta, desenvolver o conhecimento do território brasileiro, difundir no país o sentido “moderno da metodologia geográfica”, não mais um exercício da memória e sim “uma disciplina educadora da observação do meio físico e da sua relação com a vida humana” (TRINDADE, 2001, p. 63).

Ademais, é possível constatar a ligação do CNG e dos estudos desenvolvidos durante o Estado Novo (1937-1945), como a criação da Escola Superior de Guerra (ESG), inaugurada oficialmente em 1949, funcionando como veículo de doutrinação e treinamento para os militares, de uma forma específica de desenvolvimento e segurança nacional.²⁸ O próprio Virgílio Corrêa Filho integrou a associação dos diplomados da ESG, no ano de sua criação, por indicação do Embaixador José Carlos Macedo devido a aproximação de militares merecedores de sua “crescente admiração” e apreço, a começar do respectivo diretor Gal Osvaldo Cordeiro de Farias.²⁹ Esta instituição, seria responsável pela formação do pensamento militar da “Doutrina de Segurança Nacional”, que foi amplamente utilizada durante a Ditadura Civil-Militar brasileira, e que ainda possui protagonismo no cenário político brasileiro. Todo este fio ideológico, conservador e pretensamente “moderno” já compunha o olhar que Virgílio Corrêa Filho expressou em suas produções intelectuais, que estudam o território por meio de um olhar geopolítico. Para Miyamoto³⁰, Corrêa Filho

²⁵ Virgílio Corrêa Filho escreveu diversos artigos, principalmente no *Jornal do Comércio*, elogiando tanto as ações quanto a figura de Getúlio Vargas. Um exemplo disso pode ser encontrado em seu artigo 'A primeira década revolucionária', publicado no Mensário do Jornal do Comércio, no Rio de Janeiro, em 10 de novembro de 1940.

²⁶ TRINDADE, Vilma Eliza. **Política, história e memória em Mato Grosso: Virgílio Corrêa Filho, 1887 - 1973**. Campo Grande: UFMS, 2001. pág. 55.

²⁷ Corrêa Filho, na segunda metade da década de 1940, atuou como representante do CNG na Assembleia do Instituto Pan-Americano de Geografia e História em Caracas, além de participar da primeira Reunião de Consulta de História desse mesmo instituto, realizada no México.

²⁸ TRINDADE, Vilma Eliza. **Política, história e memória em Mato Grosso: Virgílio Corrêa Filho, 1887 - 1973**. Campo Grande: ED. UFMS, 2001. pág. 66.

²⁹ CORRÊA, Samuel Alves de Almeida (Org.). **Recordações Inéditas de Virgílio Corrêa Filho em seu centenário**. Rio de Janeiro: [s. ed.], 1987, p. 101. In: TRINDADE, Vilma Eliza. **Política, história e memória em Mato Grosso: Virgílio Corrêa Filho, 1887 - 1973**. Campo Grande: ED. UFMS, 2001.

³⁰ MIYAMOTO, Shiguenoli. **Geopolítica e Poder no Brasil**. Campinas-SP: Papirus, 1995, p. 76.

fazia parte dos geopolíticos que debatiam questões relativas às fronteiras nacionais, tema por excelência da geopolítica no campo das relações internacionais (TRINDADE, 2001, p. 66).

Portanto, Virgílio Corrêa Filho pensou o território como um espaço, que deveria seguir os paradigmas/pressupostos coloniais iniciados no passado pela marcha para Oeste, atrelada ao bandeirantismo, e durante o século XX, pelos cuiabanos, em suas posses e expansões de indústrias agropastoris sobre a natureza regional.

3. DEVISSAMENTO E OCUPAÇÃO

A fonte, agora estudada, já entrega naquilo que acompanha o seu título “Devassamento e ocupação”, a percepção que Virgílio Corrêa Filho concebeu sobre o território regional, espaço natural que determinava as características humanas e, portanto, essa natureza deveria ser domada, devassada ou penetrada para que o domínio colonizador fosse implantado. Em linhas gerais o livro, *Pantanaís Mato-grossenses (Devassamento e Ocupação)*, é dividido em 52 assuntos, podendo ser compreendido em uma primeira parte de descrição do “quadro fisiográfico, que condiciona os diversos fenômenos de geografia econômica” do Pantanal.³¹ Em um segundo agrupamento de assuntos propostos no livro, nos capítulos: *Divortium Aquarum, Visão Geológica e Aspectos Geomorfológicos*, “o autor trabalha o conhecimento das condições geofísicas: estrutura geológica, relevo e formação naturais, explicando-lhes a gênese, consoante interpretações dos mais autorizados geólogos.”³²

No terceiro possível conjunto de sessões, o intelectual cuiabano trata das questões de geografia humana e econômica, sempre valorizando a figura do “rio de baixada”(rio Paraguai) que se esparrama pela planície influenciando/determinando o sentido das manifestações culturais e da conduta dos desbravadores dos pantanaís Mato-Grossenses.³³ Na apresentação do livro escrita pelo Secretário Geral do CNG, Christovam Leite De Castro (1904-2002), o qual afirma:

Dentro desse complexo quadro desenvolveu-se a cultura dos guaranis e outros grupos autóctones. Enveredando, assim, pelo domínio histórico o autor descreve longamente a índole e costumes dessas tribos ao tempo do contacto com os primeiros colonizadores e acompanha a evolução cultural, a ação dos bandeirantes, o povoamento, a expansão econômica, enfim todo o trabalho realizado pelo homem que lá se fixou, daquela parte até os nossos dias. Delineia, também, os surpreendentes aspectos da luta do homem com a natureza, luta que, por vezes, assumia proporções catastróficas, quando não mantinha o colono em estado de permanente inquietação pelos perigos sem conta que o assediavam de todos os lados. (CORRÊA,1946)

³¹ CORRÊA FILHO, Virgílio. **Pantanaís Mato-Grossenses (Devassamento e Ocupação)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Geográfica Brasileira: Publicações nº 3 da Série A “Livros. Serviço Gráfico do IBGE/CNG, 1946. Apresentação.

³² *Ibidem*.

³³ *Ibidem*.

Corrêa Filho escreve uma história a partir do ponto de vista bandeirante e dos grandes homens que levaram a colonização e posteriormente inspiraram a onda da modernização para o território mato-grossense. O historiador cuiabano celebra por meio de sua narrativa o devassamento, isto é, a penetração dos sertanistas e bandeirantes em suas constantes disputas com os povos originários.

Segundo o apresentador do livro Corrêa Filho:

em todo o desenvolvimento do seu trabalho, mantém sempre uma diretriz, um rumo certo, procurando fornecer, ao leitor, não apenas um só dos grandes aspectos do campo geográfico — paisagem física e cultural — mas, outrossim, todos aqueles que, embora não sejam estritamente geográficos, contribuem, em maior ou menor escala, para elucidar, instruir e educar mesmo, os leitores no amor às coisas do Brasil. (CORRÊA,1946)

Portanto, o livro possui como intuito principal, demarcar a pujança natural da nacionalidade brasileira, existente no território pantaneiro, com o fim de demarcar um espaço, ocupado e primeiramente devassado pelos bandeirantes, pioneiros da identidade do “homem” presente no território em questão.

Com o objetivo de aprofundar a análise do pensamento ambiental apresentado pelo autor cuiabano nesta obra, selecionei algumas seções para uma investigação mais detalhada. Em *Aborígenes dos Pantanaís*, o autor registra que ao raiar do século XVI, há a revelação da grande colônia, que possuía no vale do Paraguai “assenhramento” por parte da “confederação dos Guaranis”. Corrêa Filho identifica de forma breve grupos, como os *nuaras* do Emboteteu, os *guachis*, os *itatins*, os *chanés* e os *xaraiés*, Corrêa Filho identifica esses povos como agricultores.³⁴ Além destes grupos que fazem parte da “influência guarani”, existem os *paiaguás*, canoieiros experientes, e um perigo iminente para as Monções.³⁵ Em *Os Bandeirantes*, Corrêa Filho expõe a “ânsia dos mamelucos de São Paulo” em cativar “os povoadores avermelhados”, o historiador cuiabano atribui um sentido de defesa da nacionalidade portuguesa, em plena União Ibérica, à conquista desta região pelos bandeirantes.

Vimos, declarava intrepidamente, expulsar-vos de tôda esta região que é nossa e não do rei de Espanha. (CORRÊA,1946, p.39)

³⁴ CORRÊA FILHO, Virgílio. **Pantanaís Mato-Grossenses (Devassamento e Ocupação)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Geográfica Brasileira: Publicações nº 3 da Série A “Livros. Serviço Gráfico do IBGE/CNG, 1946. p.34

³⁵ *Ibidem*.

Corrêa Filho expressa um sentimento de valentia e braveza dos bandeirantes, que ousavam desafiar a todos que estivessem no caminho do projeto colonial português de ocupação e do “insopitável sentimento bandeirante, inspirador da onda humana crescente para o oeste” (CORRÊA,1946, p.42). O historiador cuiabano registra a descoberta do ouro, que transfigura o bandeirante em minerador:

A hora de repouso, o mais curioso dos seus condutícios, por ventura algum egresso das lavras de Vila-Rica ou Sabará, esgaravata os cascalhos sôbre os quais rola o Coxipó as suas águas murmurantes, e à guisa de bateia, bastou o leve prato de estanho, que lhe servia à hora das refeições. Em pouco, reluz o primeiro granete de ouro, que provocaria admiração. (...)

Ao fim do dia, a colheita se avolumava de tal maneira, que lhes virara a cabeça. Já não seriam preadores de índios, senão acidentalmente. Chumbados às jazidas auríferas, transfiguram-se em mineradores, como evidencia a certidão de nascimento do arraial sertanejo, que abriu ruidosamente inesperado capítulo da História do Brasil. (CORRÊA,1946, p.44)

Virgílio Corrêa Filho escreve um texto que traz contornos melódicos e profundas significações à trajetória bandeirante, como as primeiras páginas de um capítulo, que desenvolve por meio de sua hegemonia, como discurso oficializado e organizacional, uma perspectiva de que a natureza, o meio ambiente e o “homem” regional progrediu até o presente de escrita e registro, em que estes herdeiros do espaço são a elite cuiabana. Destaca-se o momento em *Arraial Predestinado* que o intelectual registra o desmatamento à beira do rio Cuiabá.

No mesmo estirão, iniciado pela barra do primeiro, escancelava-se, também à margem esquerda do Cuiabá, menos de uma légua a montante, a do segundo tributário, que, por essa época, ainda fluía sob a proteção de mata frondosa. (CORRÊA,1946, p.46)

A narrativa intuída pelo autor, propõe a evidência de que a natureza, em suas rudezas, também oferecia abundância por meio das lavras, que sendo parte do imaginário popular, ou sendo parte da realidade, representa a existência de uma prosperidade inerente àquele território natural.

A imaginação popular encarregar-se-ia espontâneamente de aumentar-lhe a ressonância da propaganda, pois que chegaram a dizer que no Cuiabá serviam de granetes de ouro de chumbo nas espingardas para caçar veados, que de ouro eram as pedras em que nos fogões se punham a cozer as panelas e que para o tirar não era preciso mais do que arrancar as touças de capim e nelas vinham pegados os troços de ouro, e outras mais exagerações que chegavam a fabulosas; se bem que isto de arrancar-se capim e verem-se pegadas nas raízes granetes de ouro foi visto por muitas vêzes, tanto nas

ditas Lavras do Sutil como nas da Conceição, que depois foi arraial. (CORRÊA,1946, p.48)

Em *Expansão Pastoril*, Corrêa Filho explica o surgimento dos dois principais núcleos que irradiavam o influxo povoador, vagaroso, mas progressivo, em um processo ajustado ao rareamento do ouro das lavras.³⁶ Conforme o sentido usado pela colonização esgota-se, passa-se a procurar um novo sentido ao território, mantendo a ameaça dos *paiaгуás* distante. A primeira exitosa possessão pastoril surge “no divisor, onde floresceu Camapuã, no seio dos sertões, a meio caminho entre afluentes do rio Taquari”, do rio Pardo, que procuravam o Paraná. Estava concebido, segundo o registro de Corrêa Filho, o primeiro território de utilização agropastoril do território do Mato Grosso.

No dorso do planalto maracajuano, à latitude de 19° 35'14" S. e longitude 323°38'45", consoante as observações do astrônomo Lacerda E. Almeida, realizadas no dia 24 de novembro de 1788, a fazenda famosa, atravessada pelo varadouro de 6 230 braças, que ligava, pelo único trecho de caminho terrestre, os portos alcançados pelas canoas, a leste e poente, prosperou como passagem forçada de todos os viajantes, que ali se abasteciam, de mantimentos, de açúcar, de aguardente, de tabaco de rôlo. (CORRÊA,1946, p.63)

Corrêa Filho escreve que os *caiapós* não permitiam o repouso confiante para a possessão de Luís Rodrigues Villares que recebeu do governador, a sesmária desbravada pelos irmãos Leme. Estes, “fracassaram os sesmeiros do Taquari, onde as correrias dos *paiaгуás* e dos *guaicururus* não consentiram o condomínio com forasteiro” (CORRÊA,1946, p.64). O historiador cuiabano trata das dificuldades, em pacificar e ocupar os territórios, que já eram comprometidos e reivindicados pelas diversas populações indígenas que ali estavam.

As circunstâncias modificaram-se, todavia, em consequência da fundação deste reduto e dos restantes, de análogos objetivos. Libertos da ameaça terrível, contra a qual não teriam meios de atuar com vantagem, diante da desproporção numerosa dos lutadores acobreados, que andavam aos bandos, sempre em forma para as acometidas repentinas, começaram os cuiabanos a dilatar as suas posses pelo rio abaixo. Os lavradores, na primeira fase da ocupação, rodeavam as minas do Sutil, pelo rio Cuiabá, e seus afluentes mais próximos da vila sertaneja. Entretanto, alguns bandeirantes, saudosos por ventura do clima serrano, escolheram a sua gleba nas cabeceiras do Coxipó- Mirim, a montante do salto do Véu-de-

³⁶ CORRÊA FILHO, Virgílio. **Pantanaís Mato-Grossenses (Devassamento e Ocupação)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Geográfica Brasileira: Publicações nº 3 da Série A “Livros. Serviço Gráfico do IBGE/CNG, 1946. p.62.

Noiva. Entre a borda do planalto e o divisor de águas espalharam-se dezenas de sítios, especialmente dedicados à lavoura, que por longo prazo, até o golpe fatal da abolição, abasteciam Cuiabá de produtos agrícolas (CORRÊA, 1946, p.64).

Havia neste espaço, fazendas que alcançaram prosperidade, é o caso da fazenda Jacobina, que manteve nomeação por meio século e foi registrada pelo viajante Hércules Florence. O viajante francês escreveu que se avaliava que pastassem mais de 60000 reses. Para o custeio de tão numeroso rebanho, Jacobina dispunha, em 1825, de duzentos escravos dos dois sexos e sessenta crianças, cuja energia se aplicava igualmente nas roças, que abrangiam canaviais, plantações de mandioca, feijão, cereais e café, para abastecimento dos núcleos circunjacentes (CORRÊA, 1946, p.66).

Jacobina era a mais rica fazenda da província e modelo das fazendas dos pantanais. Em *Economia Latifundiária* Corrêa Filho documenta o regime de trabalho resultante da imensidão territorial e a baixa densidade demográfica. Corrêa Filho comenta que em oposição as sesmarias da região serrana, o pantanal por seu regime de áreas que ficavam completamente submersas na cheia, precisava de um vasto território para abrigo do gado. O historiador aponta, que se costumou a exercer como unidade territorial nessas paragens, sesmaria de 13.068 hectares³⁷, no entanto, a maioria dos fazendeiros não se contentavam com apenas uma. O proprietário do grandioso conjunto de Jacobina, vangloriava-se de possuir “tantas terras quantas o rei de Portugal”.³⁸ O texto denota essa noção, de que os fazendeiros possuíam domínio ilimitado, assim como os seus maus traçados lotes, que se estendiam sem fronteira aos “vizinhos longínquos”. Os comandantes desses imensos territórios deviam possuir, segundo Corrêa Filho, altas qualidades de comando, além do exercício de uma “formação senhoril, que repetia em um recanto do Brasil imperial aspectos anacrônicos do feudalismo” (CORRÊA, 1946, p.68).

Esta visão do historiador, muito diz ao papel, entregue nas mãos destes fazendeiros, que viviam “confinados” de maior assistência em seus domínios, com a obrigação de amansar os pantanais e o direito de posse de áreas incontáveis, por serem tão extensas.

³⁷ CORRÊA FILHO, Virgílio. **Pantanais Mato-Grossenses (Devassamento e Ocupação)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Geográfica Brasileira: Publicações nº 3 da Série A “Livros. Serviço Gráfico do IBGE/CNG, 1946. p.67.

³⁸ *Ibidem*.

Em *Amansamento dos Pantanaís*, Corrêa Filho descreve as dificuldades impostas aos “desbravadores” dos pantanaís, em relação ao contato com a natureza. Onças famintas, jacarés, sucuris, mosquitos em abundância, cobras peçonhentas, capivaras, cervos, queixadas e as populações indígenas, segundo o historiador, estes últimos mesmo que já contidos dificultavam o trabalho “martirizante” daqueles que devassavam os campos pantaneiros. Segundo registra Virgílio Corrêa Filho, os pantaneiros adaptaram algumas técnicas indígenas de caçada ao felino pantaneiro:

Exercitou-se técnica especial em que se conjugaram as espingardas com a experiência dos guatós, hábeis no provocar as feras acuadas, e força-las à investida, em que as esperavam as zagaias pontiagudas, manejadas por braços destros, a cujos golpes certos raramente escapavam com vida. (CORRÊA, 1946, p.70-71)

Outra característica natural explorada pelo escritor, que digladiava com o “homem regional” era a “mosquitaria”, que invadia e ocupava todos os cantos deste bioma inundável. Segundo o escritor estes terríveis agressores alados levavam muitas vezes a criação de animais, a definharem tamanha a abundância dos mosquitos. Para vencer essa disputa, muitas estratégias eram utilizadas pelos moradores das regiões, como mosquiteiros, protetor de rede e até fumaça dentro dos dormitórios para afugentar os indesejáveis.

A mosquitaria em primeiro lugar. Ainda na atualidade, quem pernoite à margem do Paraguai, ou de qualquer dos seus afluentes, não tarda em convencer-se da supremacia sinistra do agressor alado, que pousa aos bandos na pele do paciente, perfura-a com o seu órgão sugador para lhe chupar gulosamente o sangue. Entra-lhe pelos ouvidos, pelas narinas, e até pela boca, à hora das refeições, quando aberta rapidamente para receber a comida, com a qual se mistura, à maneira de condimento inesperado. Os próprios quadrúpedes definham em curto prazo, ou buscam proteção nas aguadas e lameiros, em que se chafurdam os suínos. (CORRÊA, 1946, p.72)

O escritor, em uma narrativa com tons poéticos e estética exuberante das palavras, descreve o clima, que pelo potente calor, provoca a espera da chegada da época das chuvas, que atira o gado para a tarefa de buscar um refúgio na época da planície alagada. O cotidiano altera-se durante a chegada das chuvas, o escritor expõe as alternativas e conhecimentos, que o pantaneiro e sua manada adquirem, vivendo anos após anos, entre os alagamentos de seu bioma.

A vida estua, exuberante, na pradaria sem fim, no arvoredo, que se decora das mais atraentes flores, nos ares, que os pássaros sonorizam com os seus vôos e cantos, enquanto não caem, ao findar agosto, as primeiras chuvas,

denominadas de caju, em Cuiabá, por estimularem a frutificação da prestante anacardiácea. Alvorça-se de pronto o gado, antes sereno e confiado. Como que às ventas lhe chega o atraente cheiro dos barreiros umedecidos de fresco. Ao sobrevir a segunda precipitação, já mal se contém, e, no rasto da primeira rês, que se afoita a deixar a fartura do pantanal, encordoam-se as manadas, ansiosas de regressar às cordilheiras, ou lombadas onde, por instinto, ou ensinadas pelos criadores, sabem que não serão maltratadas pelas enchentes próximas. (CORRÊA,1946, p.72)

Em *Fazendas e Fazendeiros*, o autor registra que a palavra “fazenda” já era usada pelo menos antes do último quarto do século XVIII para indicar os estabelecimentos do território, embora também haja registros do uso dos termos “roças, engenhos e estabelecimentos” por Ricardo Franco, engenheiro português cultuado, biografado e citado por Corrêa Filho. O historiador cuiabano registra que prosperavam em abundância os estabelecimentos de criação bovina, em meados do século XVIII, no entanto, segundo citação de Luís d’Alincourt “O gado vacuum, que existe na província de Mato Grosso, é de raça ordinária, a qual não tem havido cuidado em melhorar-se”(CORRÊA,1946, p.112).

A criação de gado que era predominante no distrito de Cuiabá, tinha como intuito a produção para o consumo, visto as dificuldades impostas para exportação do gado, que não compensaria os prejuízos decorrentes da longa travessia de boiada por domínios ainda não “amansados”. O escritor registra que a criação era feita em céu aberto, sem muitas ferramentas que facilitassem o trato dos animais. O fazendeiro, personagem importante para esta pesquisa, intervia pouco, visto que devia cuidar de diversos afazeres, entre eles a defesa de sua terra contra possíveis investidas indígenas. É notável a quantidade de vezes que Corrêa Filho, coloca os indígenas como grande obstáculo para o desenvolvimento regional, como símbolo da rudeza natural e de uma região que a abundância natural, dificultava-se a tomar utilidade para o progresso do homem branco. Sobre a questão da utilidade, é inevitável considerar o pensamento do primeiro indígena a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL).

Isso partindo da ideia de que a vida é útil, mas a vida não tem utilidade nenhuma. A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade a ela, mas isso é uma besteira. A vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária (...) nunca vai ocorrer a um peixinho que o oceano tem que ser útil, o oceano é a vida. Mas nós somos o tempo inteiro cobrados a fazer coisas úteis. (KRENAK, 2020, p.108-109)

Esta perspectiva também nos leva a refletir sobre como a natureza desempenhava um papel vital na subsistência da população deste território. Assim, a natureza encarregava-se de prover as águas abundantes no período da cheia, as pastagens verdejantes e os sais necessários para o gado encontrados nos brejeiros, enquanto os boiadeiros tratavam da

marcação de crias novas, com o sinal nas orelhas, por meio de cortes padronizados, a ferra, que lhes deixava gravado a fogo, na anca direita, o símbolo da fazenda, a castração dos marruás, já impróprios à função reprodutora, e dos tourinhos destinados à engorda, constituíam quase o trabalho exclusivo dos vaqueiros que, para tanto, passavam dias e noites, não raro, dormindo ao léu, para cortar a batida de manadas ariscas, em campeios aguçadores dos seus sentidos. Os campos abertos, a despeito da escassa densidade bovina, raramente evitavam a mistura do gado das fazendas confinantes, cujos proprietários se associavam, por vezes, nos trabalhos dos rodeios comuns. (CORRÊA,1946, pág.112).

Enquanto, os rebanhos adaptavam-se e multiplicavam-se, os fazendeiros sofriam uma vida desconhecida de conforto, visto que as casas eram rudes abrigos, com apenas mobiliários essenciais, terra de chão batido, paredes de adobe barreadas e telhas que não evitavam o umedecimento no período das chuvas. No trecho a seguir, Corrêa Filho trás os hábitos alimentares dos pantaneiros.

Em contraste com a aparência de penúria, que pudesse causar a residência, a alimentação evidenciava-se abundante e variada. Peixe, quando possível, milho, em canjica, fubá ou farinha, mandioca, em raiz, ou ralada e torrada, e legumes vários, também colhidos nas roças locais, permitiam combinações inúmeras de iguarias, a que não faltava, entretanto, o prato de resistência, feijão com arroz e carne verde, uma ou duas vezes por semana, e seca nos dias restantes . A fartura nutritiva mantinha a rigidez individual em condição de resistir às moléstias inevitáveis. (CORRÊA,1946, p.114)

Corrêa Filho registra que os fazendeiros contavam com impressionantes conhecimentos e aspirações liberais, visto que muitos passaram, ou até completaram os estudos no Colégio Imperial de D. Pedro II no Rio de Janeiro, segundo registro de Alfredo de Taunay, quando varou o território de Coxim em reconhecimento militar, por dezembro de 1865.

Fora, assim, de influências benéficas dos núcleos civilizados, compensava-se a rudeza da vida rural com o sentimento de liberdade ampla, que distinguia os fazendeiros, considerados como indomáveis em suas convicções políticas, espontaneamente enquadradas na malha do individualismo liberal (CORRÊA,1946, p.114)

O escritor cuiabano registra o forte patriarcalismo, no esquema de criação de filhos gerido pelos fazendeiros, que mandavam seus filhos homens, quando atingissem idade adequada para colégios na capital e suas filhas mulheres para internatos religiosos, onde aprendiam trabalhos manuais.³⁹ Após, profunda descrição e registro dos costumes cotidianos das fazendas e fazendeiros, o escritor cuiabano demarca um período de mudança na história das fazendas pantaneiras. A chegada da estrada de Ferro, como também a guerra europeia, segundo Corrêa Filho, sugou todos os alimentos para os combatentes, que findado o conflito, a paisagem humana dos pantanais já havia se transfigurado, isto é

povoadores aprenderam a reputar por melhor preço os seus produtos, a que não faltava pretendente. Montaram-se charqueadas, cujo número, aliás, tendia a crescer, depois do ensaio lucrativo de Descalvado. Valorizaram-se as terras e o gado, mercê da entrada de capitais no Estado, favorecida pela via férrea, que iniciou o segundo ciclo de influência paulista em Mato Grosso. (CORRÊA, 1946, p.118)

Corrêa Filho escreve que muitos forasteiros, vieram a comprar e investir no território pantaneiro visto a crescente dos preços da carne e da possibilidade de bom investimento nestas pastagens e com isso novos métodos de cuidado com o espaço, lida com o gado, limitação das fazendas e conforto das sedes vieram a integrar a história das fazendas e fazendeiros do pantanal. O escritor cuiabano deixa uma evidente progressão de como era a situação do pantaneiro e de como desenvolveu e transformou-se “positivamente” a modernização da indústria agropastoril. A seguir, insiro um trecho que evidencia esta transformação “pretensamente moderna” na utilização do território regional e do meio ambiente, direcionando-a para uma indústria mais alinhada à sociedade contemporânea.

Muitos dos desbravadores, seduzidos pelas primeiras ofertas, venderam suas propriedades, onde prosperariam os sucessores, já beneficiados pela expansão do mercado consumidor. (...) Prosperaram, em grande maioria, pela contínua ascensão de preços, em que as depressões de 1922 e 1930 figuram apenas como passageiros episódios. Da melhoria de cotação resultou o empenho do fazendeiro em cuidar mais zelosamente dos seus rebanhos, ao qual proporciona rações periódicas de sal, outrora dispensáveis, campos limitados por cercas de arame, que lhes evitem a dispersão, e reprodutores capazes de contribuir para lhes apurarem as qualidades de gado para corte. Por outro lado, também compreenderam a

³⁹ CORRÊA FILHO, Virgílio. **Pantaneiros Mato-Grossenses (Devassamento e Ocupação)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Geográfica Brasileira: Publicações nº 3 da Série A “Livros. Serviço Gráfico do IBGE/CNG, 1946. p.116.

vantagem de suavizar o ambiente destinado ao convívio humano. Residências providas dos requisitos exigidos normalmente pelos prédios urbanos já se erguem nos pantanais, onde ao viajante deparar-se-á o conforto moderno associado à fartura antiga. (...) Ao revés, forcejam por mantê-la em condições produtivas, embora adstrita a padrão de vida diferente do primitivo, com que se contentavam os pioneiros. A criação em pastos limitados, que facilitam sobremaneira os trabalhos de campo, mais rendosos em área acessível à fiscalização dos vaqueiros, tornou dispensável a conservação das glebas superiores aos recursos do fazendeiro, que só mantém a proporcionada aos seus objetivos industriais. (CORRÊA,1946, p.118).

O escritor encerra o longo subcapítulo, registrando dados, desse novo período de modernização das propriedades e com uma frase bem sugestiva de seu olhar para as transformações sofridas no espaço regional

As boiadas que outrora troteavam, por meses seguidos, pelos caminhos terrestres, estirados até as invernadas mineiras, acomodam-se modernamente nas gaiolas da E. F. Noroeste do Brasil, que as levam às pastagens paulistas.(CORRÊA,1946, p.121).

Isto é, a modernização dos territórios acolhidos e divididos em propriedades agradam e acomodam agora suavemente o sentido que deve ser dado a esse espaço que carecia de “utilidade”.

Em *Desagregação dos Latifúndios*, Corrêa Filho registra o processo de aceleração do desmembramento dos latifúndios, por conta da valorização do preço das terras e dos produtos. Ora por um processo natural de desagregação das grandes áreas em espaços para seus descendentes, ora por cessões a interessados em lotes, até então extremamente distantes da sede principal das fazendas.

Exemplo diverso, merecedor de imitação, derivou do parcelamento do Firme, cuja área primitiva, de 176 853 hectares, limitada, a oeste, pelo terreno das Palmeiras, que se abeirava do Paraguai, poderia expandir-se para nordeste, perlongando o Taquari. Pertencia a Joaquim José Gomes da Silva, barão de Vila Maria, quando a invasão paraguaia lhe talou os campos, carneando-lhes o gado existente. Ao fim da guerra, as raras cabeças escapas à pilhagem fugiam, bravias, ao perceberem vaqueiros ao longe. O remanescente da criação transformara-se em caça, e da fazenda nascente apenas permaneciam os pantanais fecundos. Lobrigou-lhes a valia um dos filhos do Barão, Joaquim Eugenio Gomes da Silva, Nheco de apelido, cujo entusiasmo empolgou os parentes, Gabriel Patrício de Barros, seu cunhado, Francisco Gomes da Silva, primo, João Batista de Barros, Manuel Gomes da Silva e outros. Decidiram repovoar os sertões abandonados por mais de cinco anos. Arrostarão sem desfalecimento os obstáculos que se lhes opunham à iniciativa. Fixaram-se nas terras, em que perseveraram os seus descendentes, que aperfeiçoaram, com os recursos modernos, os processos antigos dos pioneiros. (CORRÊA,1946, p.130)

Tal registro reafirma, o entendimento, de que os fazendeiros possuíam terras que não conseguiam, nem sequer mensurar, quem diria administrar e utilizar estes campos. Também, que a descendência dos grandes latifundiários, mantiveram seus “direitos” de herança sobre o território, verdade que agora subdivididos, no entanto, ainda sim, merecedores de título de privilégio de nascimento. O historiador também registra, o desenvolvimento técnico do trabalho nestas paragens, simbolizado pela melhor subdivisão do gado em currais e cercados resultando em um trabalho rural com mais “garantia, segurança e conforto”.⁴⁰ A desagregação dos latifúndios trouxe aos herdeiros dos lotes, um sentimento de cooperação, simbolizado pelo Centro de Criadores da Nhecolândia, formado em 1928. Corrêa Filho inclui em sua obra o mapa da Nhecolândia, desenhado por Carlos Vandoni de Barros, bem como imagens que demonstram a completa modernidade das confortáveis sedes, incluindo a presença de automóveis e iluminação elétrica nestes domínios pantaneiros. Conforme Corrêa Filho escreve em sua obra, este seria o melhor conjunto de fazendas presente à época em Mato Grosso. Embora os descendentes dos pioneiros exercessem profissões desvinculadas do trabalho no campo e nem sempre tenham residido em suas fazendas, seus proprietários garantiam que suas sedes oferecessem conforto para sua estadia. Essas fazendas, mesmo que utilizando o gado pantaneiro já adaptado à região, introduziam raças mestiças de “hereford” e “polled angus”. Segundo o escritor, a influência destas raças tendia a se expandir. O autor segue tratando da abertura das estradas que ligavam as fazendas e permitiam o transporte moderno na região.

Em tais empreendimentos espelha-se o florescimento regional, que também se denuncia pelas estradas carroçáveis que as ligam umas às outras, de ponta a ponta, para tráfego' de automotores, bem como. de tratores aplicados em operações rurais, pela organização de campos apropriados, onde costumam pousar os aviões da linha comercial, quando solicitados, pelo uso crescente de moinhos de vento, conjugados com motores elétricos ou diretamente com bombas hidráulicas. (CORRÊA,1946, p.131)

Corrêa Filho encerra este subcapítulo, destinado à desagregação dos latifúndios, citando o exemplo de chegada de novos personagens no cenário rural regional, como o caso da antiga fazenda Alegre, que pertencia ao Major Metelo e no tempo do escritor pertencia à Brazil Land. O imenso latifúndio de mais de meio milhão

⁴⁰ CORRÊA FILHO, Virgílio. **Pantanaís Mato-Grossenses (Devassamento e Ocupação)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Geográfica Brasileira: Publicações nº 3 da Série A “Livros. Serviço Gráfico do IBGE/CNG, 1946. pág.130.

de hectares, “despovoado pela matança desordenada, que transformou o seu rebanho em extrato de carne e couro”⁴¹ Corrêa Filho escreve que, com o objetivo de resgatar sua produtividade, o Costa Neto, à época na chefia da superintendência do acervo da Brazil Railway e outras empresas integradas ao patrimônio nacional, dividiu o grande latifúndio, em porções de uma a duas léguas e beirada no rio Cuiabá, e Piquiri, e cinco para o interior, com a área de 36000 hectares aproximadamente (CORRÊA,1946, p.132). Tamanha a valorização do gado, que o escritor registra a venda desses lotes para pessoas “estranhas ao ambiente regional”. O exemplo da fazenda Alegre surge como fruto estranho ao padrão da Nhecolândia, na qual os grandes latifúndios desmembraram-se em um organismo harmonioso e consanguíneo. O trecho a seguir denota, as práticas destes forasteiros, no domínio do pantanal.

E hoje, em proporções mais reduzidas, são capitalistas litorâneos que afluem para aquelas paragens, decididos a povoá-las de gado dūerente, sem desprezar as exigências da vida confortável a que se acham avezados. Constróem caprichosamente as sedes de suas fazendas, e, de harmonia com os vizinhos da mesma procedência, estendem os fios telefônicos de intercomunicação, que lhes suavizam a permanência nos pantanais, quando por ventura lá se encontrem em visitas rápidas. (CORRÊA,1946, p.133)

⁴¹ CORRÊA FILHO, Virgílio. **Pantanais Mato-Grossenses (Devassamento e Ocupação)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Geográfica Brasileira: Publicações nº 3 da Série A “Livros. Serviço Gráfico do IBGE/CNG, 1946. p.132.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a análise da historiografia *virgiliana* oferece reflexões valiosas sobre a percepção da natureza e do desenvolvimento do estado de Mato Grosso no contexto da modernização nacional. Corrêa Filho celebrava o avanço da agricultura e da pecuária, destacando a expansão dos latifúndios sobre territórios indígenas anteriormente “subutilizados” para o desenvolvimento regional e nacional. A proposta de Corrêa Filho é no sentido de demarcar um território ocupado primeiramente pelos modernos bandeirantes — dos quais os cuiabanos seriam considerados descendentes — como também evidenciar a modernização deste território em um cenário internacional de transformações do país na geopolítica internacional — posição de subserviência, como exportador de matéria prima para os países desenvolvidos.

No entanto, é importante reconhecer que esse enfoque historiográfico de Corrêa Filho tendia a negligenciar o papel fundamental desempenhado pelos povos indígenas e negros na formação da identidade do Estado de Mato Grosso. O resultado desse esforço historiográfico foi a criação de uma narrativa que colocava os cuiabanos como os principais agentes na construção da identidade do estado, ao mesmo tempo em que restringia a compreensão do território apenas a sua utilidade nas funções modernas do Estado Nacional brasileiro, à luz de um ideal progressista positivista.

Dessa maneira, o projeto historiográfico de Corrêa Filho reflete uma visão seletiva e tendenciosa da história de Mato Grosso, destacando a necessidade de uma abordagem mais crítica que reconheça a necessidade de outras perspectivas históricas. É fundamental considerar a contribuição dos grupos que não participaram da operação histórica hegemônica, os quais moldaram a identidade, o território e o progresso nesta região do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Alzira Alves de (org.). **A Imprensa em Transição: O Jornalismo Brasileiro dos Anos 50**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ABUD, Katia Maria. **O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições: a construção de um símbolo paulista**. 1986. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986. Acesso em: 09 out. 2023.
- AMARILHA, Carlos Magno Mieres. **Os intelectuais e o poder: história, divisionismo e identidade em Mato Grosso do Sul**. 2006. 255 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2006.
- BARROS, Abílio Leite. **Gente Pantaneira - Crônicas de sua História**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2012.
- BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder: Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S/A, 1989.
- CARONE, Edgard. **A República Velha (Evolução Política)**. 2. ed. São Paulo: Difel, 1974. (Coleção Corpo e Alma).
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2002.
- CERTEAU, Michel de. "A Operação Histórica". In: LE GOFF, Jacques. **História: Novos Problemas**. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 18.
- CEZAIRE, Aimé. **Discours sur le colonialisme**. Paris: Éditions Réclame, 1955.
- CEZAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução para o português não fornecida. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2010.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988. 244 p.
- CNABrasil, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://cnabrasil.org.br/noticias/projecao-do-vbp-da-agropecuaria-de-mato-grosso-do-sul-em-2022-passa-dos-r-69-bilhoes>. Acesso em: 02 jun. 2023
- CORRÊA, Samuel Alves de Almeida (Org.). **Recordações Inéditas de Virgílio Corrêa Filho em seu centenário**. Rio de Janeiro: [s. ed.], 1987.

CORRÊA, Valmir Batista. "Os herdeiros de Leverger." In: Edição comemorativa dos 75 anos do Instituto Histórico. **Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso**, Tomo CXLICXLII, Ano LXVI, Cuiabá, 1994.

CORRÊA, Valmir Batista. **Coronéis e Bandidos em Mato Grosso (1889-1943)**. Campo Grande: Editora da UFMS, 1995.

CORRÊA FILHO, Virgílio. **Mato Grosso**. Rio de Janeiro: Co-editora Brasília, 1922.

CORRÊA FILHO, Virgílio. **História de Mato Grosso**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

CORRÊA FILHO, Virgílio. **Ervais do Brasil e Ervateiros**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1957.

CORRÊA FILHO, Virgílio. **Fazendas de Gado no Pantanal Mato-Grossense**. Rio de Janeiro: Publicação nº 10 do Documentário da Vida Rural - Serviço de Informação Agrícola, 1955.

CORRÊA FILHO, Virgílio. **Questão de Terras**. São Paulo: Seção de Obras do Estado de São Paulo, 1923.

CORRÊA FILHO, Virgílio. "Oeste". In: **Revista Brasileira de Geografia**, ano 5, n. 2, abr/jun. 1943.

CORRÊA FILHO, Virgílio. **Pantanaís Mato-Grossenses (Devassamento e Ocupação)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Geográfica Brasileira, 1946.

CORRÊA FILHO, Virgílio. **Pedro Celestino**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Zélio Valverde, 1945. (Coleção Galeria Mato-grossense).

DARNTON, Robert. "História intelectual e cultural" e "História social das ideias." In: **O Beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ESTADÃO. **O Agronegócio de Mato Grosso é destaque nacional**. Summit Agro, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://summitagro.estadao.com.br/comercio-externo/agronegocio-de-mato-grosso-e-destaque-nacional/>. Acesso em: 02 jun. 2023.

FANON, Frantz. **Peau Noire, Masques Blancs**. Paris: Seuil, 1952.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

FANON, Frantz. **Les Damnés de la Terre**. Paris: François Maspero, 1961.

FANON, Frantz. **Condenados da Terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1964.

FRANCO, Gilmara Yoshihara. **O Binóculo e a Pena: A Construção da Identidade Matogrossense sob a Ótica Virgiliana: 1920-1940**. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. **Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso**. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Acesso em: 10 out. 2023.

GALETTI, Lylia da S. Guedes. O Estigma da Barbárie e a Identidade Regional. **Revista de Pós-Graduação em História**, Brasília: UnB, nº 02, Vol. 3, 1995.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 5ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S/A, 1985.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JESUS, Nauk Maria de (Org.). **Cenários da Fronteira Oeste: História e Historiografia de Mato Grosso (séculos XVIII e XIX)**. 1ª edição. Cuiabá-MT: EdUFMT, 2020.

KRENAK, Ailton. **A Vida Não é Útil**. Pesquisa e organização de Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEOTTI, Odemar. Bicentenário de Cuiabá: Rememoração e Invenção do Passado. O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Virgílio Corrêa Filho: A Invenção da Modernidade em Mato Grosso e Sua Inserção no Projeto de Reconstrução da Nação e da Nacionalidade – 1919 a 1969. **Patrimônio e memória**, v. 7, n. 1, p. 78-100, jun. 2011. ISSN 1808-1967.

LOPES, Joaquim Francisco. **Derrotas**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2010.

MALERBA, Jurandir (org.). **A História Escrita: Teoria e História da Historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006. 238 p.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões na Senzala: Quilombos, Insurreições, Guerrilhas**. São Paulo: Edições Zumbi, 1959.

MIYAMOTO, Shiguenoli. **Geopolítica e Poder no Brasil**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PÓVOAS, Lenine. **Cuiabanidade**. Cuiabá: [s. ed.], 1987.

PÁDUA, José Augusto. As Bases Teóricas da História Ambiental. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10468>. Acesso em: 15 maio 2023.

PÁDUA, José Augusto. **Um Sopro de Destruição: Pensamento Político e Crítica Ambiental no Brasil Escravista, 1786-1888**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

PÁDUA, José Augusto. Herança Romântica e Ecologismo Contemporâneo – Existe um Vínculo Histórico? **Varia Historia**, n. 33, 2005.

PRADO JR., Caio. "Sentido da Colonização". In: **Formação do Brasil Contemporâneo**, 1942.

POCOCK, John G. A. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: Edusp, 2003.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. Mato Grosso/Mato Grosso do Sul: Divisionismo e Identidades (Um Breve Ensaio). **Diálogos**, v. 10, n. 02, p. 149-184, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41347/21680>. Acesso em: 9 jun. 2023.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. Notas sobre Divisionismo e Identidade em Mato Grosso/Mato Grosso do Sul. **Raído - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 137-163, 2008. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/60>. Acesso em: 9 jun. 2023.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. 3ª edição. São Paulo: Global, 2015.

RÜSEN, Jörn. "O que é cultura histórica? Reflexões sobre uma nova maneira de abordar a história." In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; MARTINS, Estevão de Rezende (orgs.). **Jörn Rüsen: Contribuições para uma Teoria da Didática da História**. Curitiba: W.A. Editores, 2016.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. **Capítulos de História Intelectual: Racismos e Alteridades na Reflexão sobre o Brasil**. 1ª edição. São Paulo: Alameda, 2019.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. Das árvores do Recife (1924) às matas do Nordeste (1937): ecologia, trópico e região na obra de Gilberto Freyre. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 80, p. 431-455, setembro-dezembro 2023.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SKINNER, Quentin. **Meaning and Understanding in the History of Ideas. History and Theory**, v. 8, 1969.

TRINDADE, Vilma Eliza. **Política, História e Memória em Mato Grosso: Virgílio Corrêa Filho, 1887-1973**. Campo Grande, MS: ED. UFMS, 2001.

TRINDADE, Vilma Eliza. Virgílio Corrêa Filho: Um Entusiasta do 'Brasileirismo Sadio'. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**, n. 79, Cuiabá, 2017.

WASSERMAN, Claudia. História Intelectual: Origem e Abordagens. **Tempos Históricos**, Vol. 19, 1º Sem, 2015.

ZORZATO, Osvaldo. **Conciliação e Identidade: Considerações sobre a Historiografia de Mato Grosso (1904-1983)**. 1998. 179 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.